



ESCATOLOGIA

DADOS INSTITUCIONAIS

CNPJ:	17.145.404/0001-76
Razão Social:	CENTRO EDUCACIONAL MALTA LTDA
Nome de Fantasia:	FACULDADE MALTA
Esfera Administrativa:	PRIVADA
Endereço:	Av. Barão de Gurguéia, nº 3333b, Bairro Vermelha
Cidade/UF/CEP:	TERESINA-PI, CEP: 64018-500.
Telefone:	(86) 3303-5002
E-mail de contato:	contato@faculademaalta.edu.br
Site da unidade:	faculademaalta.edu.br

Sumário

SOBRE A AUTOR	1
FORMAÇÃO ACADÊMICA	1
APRESENTAÇÃO	2
UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO, A ESCATOLOGIA BÍBLICA INVESTIGADA À LUZ DA PROTOLOGIA E A IMPLICAÇÃO DIRETA COM A QUESTÃO DAS ORIGENS.....	4
Definição de Escatologia.....	4
Definição de Protologia	4
Noções Preliminares Sobre a Escatologia Bíblica	5
A Escatologia Bíblica Investigada à Luz da Protologia	5
Evolução ou Criação, qual o Modelo Sugerido pela Análise?	9
INDICAÇÃO DE VÍDEO	11
LEITURA COMPLEMENTAR.....	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS	11
HORA DE REVISAR	12
REFERÊNCIAS.....	12
UNIDADE 2 – ESTUDO DA APOCALÍPTICA APÓCRIFA E DA APOCALÍPTICA BÍBLICA	14
Noções Preliminares	14
A natureza da literatura apocalíptica.....	14
A apocalíptica nos livros bíblicos	17
INDICAÇÃO DE VÍDEO	23
LEITURA COMPLEMENTAR.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23

HORA DE REVISAR	23
REFERÊNCIAS.....	24
UNIDADE 3 – O IMPACTO DA ANTROPOLOGIA NA ESCATOLOGIA, A ANTROPOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO E A INFLUÊNCIA DOS LIVROS APÓCRIFOS NO NOVO TESTAMENTO.	
26	
Noções Preliminares	26
Concepções cristãs acerca da antropologia	26
A antropologia do Antigo e Novo Testamentos.....	27
Aspectos da escatologia apócrifa encontrados no Novo Testamento.....	32
INDICAÇÃO DE VÍDEO	36
LEITURA COMPLEMENTAR.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
HORA DE REVISAR	37
REFERÊNCIAS.....	38
UNIDADE 4 – A DOUTRINA QUILIÁSTICA E OS CONCEITOS MILENISTAS: AMILENIALISMO, PÓS-MILENIALISMO, PRÉ-MILENIALISMO E SUAS SUBDIVISÕES.....	
40	
Desvendando o Segredo do Milênio Apocalíptico.....	40
INDICAÇÃO DE VÍDEO	51
LEITURA COMPLEMENTAR.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
HORA DE REVISAR	52
REFERÊNCIAS.....	53

SOBRE A AUTOR

JOSIMIR ALBINO DO NASCIMENTO

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Bacharel em Teologia com especialização em Línguas Bíblicas pela Faculdade de Teologia UNASP-EC (2011). Doutorado em Teologia Sistemática pela PUC-Rio (2019). Pós-Graduado em Produção Textual pela FAVENI (2023).

Tradutor de obras para a Casa Publicadora Brasileira (CPB) e para a UNASPRESS. Coordenador e professor de cursos de teologia para leigos e preparação de jovens missionários. Experiência em missiologia, soteriologia e eclesiologia, tendo em vista a atuação no ministério pastoral; escatologia, com foco nos livros de Daniel e Apocalipse; e em pneumatologia, através de estudos desse ramo que tem sido o centro da teologia em grande parte das denominações cristãs da atualidade desde o século dezenove. Atuação na área de responsabilidade social, com fundamentação na ética bíblica aplicada ao contexto contemporâneo.

1

APRESENTAÇÃO

Presado/a estudante,

A matéria Escatologia, oferecida pelo curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA, ocupa um espaço privilegiado na sua formação como teólogo. A matéria se relaciona diretamente com os aspectos proféticos da Sagrada Escritura. Tendo em vista, porém, a sua abrangência, iremos realçar os temas mais relevantes e que tocam as questões contemporâneas no ambiente teológico.

Na Unidade 1 “INTRODUÇÃO, A ESCATOLOGIA BÍBLICA INVESTIGADA À LUZ DA PROTOLOGIA E A IMPLICAÇÃO DIRETA COM A QUESTÃO DAS ORIGENS”, como a própria nomenclatura da matéria traz uma certa complexidade, faremos um breve estudo etimológico do termo, e analisaremos a escatologia, tendo como pano de fundo a protologia, ou seja, as últimas coisas serão investigadas, porém, à luz das primeiras. Por isso, será feita uma breve análise para se decidir qual dos dois modelos é mais compatível com estrutura escatológica da Bíblia, Criação ou Evolução.

2

Na Unidade 2 “A LITERATURA APOCALÍPTICA E A ESCATOLOGIA DOS LIVROS DE DANIEL, APOCALÍPSE, DOS EVANGÉLIOS E DE ALGUMAS EPÍSTOLAS”. Nesta unidade, depois de uma breve consideração etimológica, você compreenderá qual a natureza da literatura apocalíptica extrabíblica, particularmente em relação às porções apocalíticas da Sagrada Escritura e será capaz de diferenciá-las e de perceber a peculiaridade da literatura apocalíptica bíblica. Para isso, estudaremos alguns detalhes do livro de Daniel e de Apocalipse, além de porções escatológicas dos evangélicos e dos escritos Paulinos e Petrinus.

Na Unidade 3 “QUILIASMO, A DOCTRINA DO MILÊNIO”, serão apresentados um breve glossário e a abordagem sobre as três correntes doutrinárias existentes no cristianismo: o amilenialismo, o pósmlenialismo e o prémilenialismo com as suas subdivisões. Iremos expor um breve histórico no qual serão destacados os seus principais defensores e o período de maior relevância.

Na Unidade 4 “ESCATOLOGIA E ANTROPOLOGIA DOS DOIS TESTAMENTOS E A ESCATOLOGIA NOS LIVROS APÓCRIFOS”. Nesta unidade, você será capaz de relacionar as concepções escatológicas a partir do conceito antropológico. Entender a natureza do ser humano é de fundamental importância para

apreender as pressuposições da escatologia bíblica. Por essa razão, estudaremos a antropologia do Antigo e do Novo Testamentos. De singular importância é dimensionar até que ponto a literatura apócrifa influenciou o Novo Testamento. Essa apuração terá um peso significativo na escolha da corrente de pensamento referente à escatologia bíblica. Este material serve como ponto de partida, incentivando você a aprofundar a pesquisa e explorar novas perspectivas. Recomendo dedicação à leitura e ao estudo sistemático para seu desenvolvimento como pesquisador e desejo sucesso nessa jornada!

Prof. Josimir Albino do Nascimento (ThD)

UNIDADE 1 - INTRODUÇÃO, A ESCATOLOGIA BÍBLICA INVESTIGADA À LUZ DA PROTOLOGIA E A IMPLICAÇÃO DIRETA COM A QUESTÃO DAS ORIGENS

Objetivos:

- Entender a escatologia tendo como pano de fundo a protologia.
- Demonstrar a implicação direta com a questão das origens.
- Decidir entre os modelos Criacionista e Evolucionista a partir da análise.

Definições, glossário e noções preliminares:

Definição de Escatologia

O termo “escatologia” é de origem grega. A primeira parte da palavra *éscaton*, significa “último” ou “fim”, e *logos*, que significa “estudo”. Champlin (2013, p. 437) explica que o termo grego cognato, *éschata*, significa “últimas coisas”. Bruce (2009, p. 34-35) afirma que a doutrina está relacionada aos seres humanos no que se refere à morte, ressurreição, julgamento e vida por vir: “o hebraico *bē'aharīt hayyamîm* (LXX *em tais eschatais hemerais*, ‘nos últimos dias’) pode denotar o fim da ordem presente ou mesmo, de modo mais geral, ‘o porvir’”.

Brower (2009, p. 726) afirma que o termo grego *telos* é comum às várias definições de escatologia, mas define a escatologia bíblica como “a direção e objetivo da aliança de fidelidade ativa de Deus na e para a ordem criada”. Ele não é o único a fazer esse vínculo com a criação. Clouse (1978, p. 352) define escatologia como a doutrina das últimas coisas, entre as quais a ressurreição dos mortos, a segunda vinda de Cristo, o julgamento final e a criação do novo céu e nova terra, subentendendo que a escatologia está diretamente relacionada com a protologia.

Definição de Protologia

O termo *protologia* é um neologismo formado de dois vocábulos gregos, “prótos”, que significa *primeiro* e “logia”, termo grego derivado de *logos*, que, como já observado, significa *estudo*. A expressão é um ramo da teologia que estuda a origem da vida e do mundo sob o ponto de vista bíblico, sendo, portanto, a *teologia da criação*.

Noções Preliminares Sobre a Escatologia Bíblica

A escatologia bíblica está intimamente relacionada às porções proféticas que abordam sobre o ciclo histórico deste mundo, porém com projeções que o transcende, tocando a vida futura dos eleitos e dos ímpios. Dessa forma, as questões que se referem ao Céu, à nova terra, aos justos, e à condenação ao inferno, no tocante aos perdidos, bem como a natureza do ser humano na morte, todos são temas tratados pela Escatologia.

As porções preditivas da Sagrada Escritura dão grande enfoque à maneira como Deus consumará os seus propósitos salvíficos. O ápice na trajetória desse propósito representa o fim deste ciclo no qual se trava um grande conflito entre o bem e o mal, entre Cristo e Satanás e entre os poderes da luz e os poderes das trevas. Isso representa o início de um novo ciclo, o começo de uma nova era.

Tomando como pano de fundo a própria história, todos os seus ciclos “terminam em meio à destruição, e então tem começo um novo ciclo” (CHAMPLIN, 2013, p. 437). Segundo Champlin (Idem), “cerca de vinte e cinco por cento da revelação divina têm natureza preditiva”.

5

A Escatologia Bíblica Investigada à Luz da Protologia

O mesmo Deus que operou a Criação e providenciou o meio de redimir a humanidade após a “Queda”, é o Deus da *Recriação*, o produto final dos objetivos da escatologia. Dessa maneira, como afirma Brower (2009, p. 726), “no sentido estrito, não se encontra escatologia nas narrativas da criação, mas a consumação não pode ser entendida fora da noção da criação”.

Porque o Deus que disse “haja luz” (Gênesis 1.3), também declarou: “Eis que faço novas todas as coisas” (Apocalipse 21.5). Portanto, a Recriação tem como paradigma a própria Criação, que ressoa sobre ela e oferece valiosos ensinamentos para o seu entendimento. Sendo assim, o estudo da escatologia, pautado pela protologia, é uma excelente forma de nortear a sua análise, tendo em vista a sua íntima relação.

A hipótese da evolução causou um grande impacto no mundo secular, mas, como afirma Hasel (2004, p. 15), “também tem impactado grandemente a filosofia

religiosa e a teologia”. O evolucionismo constitui um desafio para a doutrina bíblica da Criação, pois “vê o desenvolvimento da vida através de um período de 600 milhões de anos (HASEL, 2004, p. 15).

O advento de Cristo é o ápice da esperança escatológica, quando efetuará uma nova criação (2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1). A Recriação deve ser pautada pela Criação. Hasel (2004, p. 16), sumaria as implicações que a crença nas origens tem sobre a esperança do advento e a promessa de Cristo de realizar uma nova criação, conforme esboçada no primeiro verso da Escritura Sagrada:

1. Tempo e duração (quando?)
2. Criador (quem?)
3. Maneira (como?)
4. Objeto (o quê?)

Hase (2004, p. 17), apoiado por diversos estudos a respeito do “gênero no singular, das conexões semânticas e sintáticas e da designação ‘e houve tarde e manhã’ no texto hebraico”, demonstra que todas essas evidências indicam o esforço do autor de Gênesis 1 de demonstrar a ideia de um ‘dia literal’.

Outra evidência contundente da literalidade dos dias da Criação e do ciclo semanal, é a sua reafirmação por ocasião da promulgação da Lei Moral, os Dez Mandamentos, justificando a observância do quarto preceito com a frase: “porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou” (Êxodo 20:11).

A Criação é, portanto, o ponto de partida do tempo, que começa a ser medido com a formação dos elementos *luz* e *trevas* para estabelecer o ciclo diário, o movimento circadiano, sob o qual a humanidade subsiste. Todos os “medidores”, como meses, estações e anos estão sujeitos aos corpos celestes, criados no quarto dia, porém, a semana de sete dias, somente é justificada pelo *princípio* ou o período inicial que deveria nortear o número de dias da semana a partir da Criação.

Dessa maneira, o tempo empregado na Criação sugere um período relativamente curto de tempo para a Recriação. Essa relação da Escatologia com a Protologia pode ser verificada em textos apocalípticos. Hasel (2004, p. 18) argumenta que, devido à entrada do pecado, a Criação, que teve um *princípio*,

também deverá ter um *fim*. Por essa razão, Aquele que se apresenta como “o princípio da criação de Deus” (Apocalipse 3.14), também se identifica como “o Alfa e o Ômega” (Apocalipse 1.8; 21.6; 22.13).

Por isso, tendo a Sagrada Escritura como pano de fundo, não há como entender de outra forma a relação Escatologia/Protologia, conforme afirma Hasel Hasel (2004, p. 18): “Da perspectiva bíblica, o Cristo que estabeleceu o tempo para a existência humana irá na hora certa restabelecer uma nova realidade, criando ‘novo céu e nova terra’”. O autor conclui que, da mesma maneira que na Criação, a recriação também será instantânea, e cita Paulo: “‘transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta’ (1Cr 15:51-52).” Hasel (2004, p. 16-25) relaciona Escatologia com Protologia, respondendo às perguntas por ele formuladas acima, da seguinte maneira:

1. Tempo e duração (quando?)

Protologia

A Criação ocorreu em sete dias literais – no princípio (Gênesis 1; Êxodo 20.11; Salmo 33.9).

Escatologia

A recriação ocorrerá em curto espaço de tempo – no final (1 Coríntios 15.51-52; Apocalipse 21.6; 22.13).

2. Criador (quem?)

Protologia

A Escritura revela o nome do Criador, *Elohim* – Deus, o originador da Criação (1 Coríntios 8.6; Efésios 3.9; Hebreus 1.2; João 1.3).

Escatologia

A Bíblia também revela que o Recriador dos “novos céus e nova terra” é o mesmo que os criou – Deus (Isaías 65.17-19; 66.22; Apocalipse 21, 22).

3. Maneira (como?)

Protologia

Em Gênesis 1.1 o verbo empregado para “criou” é *bará*, utilizado sete vezes nos

primeiros dois capítulos – o que Ele criou foi “muito bom” (Gênesis 1.31), conforme Paulo assegura, “tudo que Deus criou é bom” (1 Timóteo 4.4). Assim como a natureza física, Ele também cria a natureza espiritual (Salmo 51.10).

Escatologia

A terminologia usada para a recriação, conforme aparece em Isaías 65.17-19 é a mesma de Gênesis 1, conforme se verifica pelo uso de termos como *bará*, usado três vezes, *shamayim* (céus) e *eretz* (terra). O novo que será recriado é uma indicação de que todas as coisas passarão a ser como no princípio. Conforme afirma Hasel (2004, p. 22), “o adjetivo ‘novo’ também remonta aos céus e terra anteriores [...] existe um relacionamento entre a profecia de Isaías e o que é repetido em Ap 21:1-4”. Dessa forma, o novo recriado também será, como no princípio, “muito bom”.

4. Objeto (o quê?)

Protologia

Logo na primeira linha de Gênesis começa a descrição dos objetos criados, “céus e terra” e tudo o que existe passou a existir através da atividade criadora de Deus (Is 45.12; Ef 3.9; Cl 1.16; Ap 4.11; 10.6). Em relação ao planeta, conforme Hasel (2004, p. 23), “o ecossistema tinha todos os elementos necessários à vida no planeta: luz, água e vegetação”. Tendo em vista que Deus criou a terra para ser habitada (Isaías 45.18), Ele a povoou com os animais selváticos, os peixes do mar, as aves dos céus, os animais domésticos, todos os répteis que rastejam pela terra (Gênesis 1:24, 26) e, finalmente o ser humano (Gênesis 1:27).

Escatologia

A formação de novos céus e uma nova terra é de caráter restaurativo, o que relaciona a Recriação com a Criação original. Assim como Deus falava com o ser humano diretamente no Jardim do Éden (Gênesis 2, 3), no mundo restaurado, de acordo com a descrição de João, Ele voltará a se comunicar diretamente com ele: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Apocalipse 21.3; 22.4).

Até mesmo os animais serão alcançados por essa nova ordem de coisas, pois viverão em paz uns com os outros (Isaías 65.25). No entanto, conforme o arrazoado de Hasel (2004, p. 25), “o objeto ou ‘o que’ da Criação, porém, pode ser seriamente

ofuscado pelo naturalismo e pela teoria evolucionista”. Hase faz uma pergunta bastante lógica, se Deus não se envolveu no processo de formação do mundo e do ser humano, por que ele se envolveria agora?

O mesmo autor argumenta que se forem levados em consideração os 600 milhões de anos de processo evolutivo da vida, “o objeto da re-Crisção se torna tão indefinido que nós até mesmo deveríamos ficar imaginando se isso algum dia aconteceria (HASEL, 2004, p. 25).

Evolução ou Criação, qual o Modelo Sugerido pela Análise?

Assim como a Criação demandou ações miraculosas da divindade no princípio, os evangelhos retratam ações igualmente miraculosas de Cristo na natureza. A mesma voz que ordenou: “haja luz” (Gênesis 1.3), também ordenou ao vento e ao mar, “Acalma-te, emudece! O vento se aquietou, e fez-se grande bonança” (Marcos 4.39). Biblicamente a Criação foi breve, ou seja, ocorreu em sete dias, considerando um dia de descanso, não em milhões de anos, como passou a ser considerada em vários círculos a partir da publicação do livro “Origem das Espécies” de Charles Darwin, em 1859.

Brower (2009, p. 728) afirma que “a escatologia começa e termina com Cristo porque todos os propósitos de Deus estão concentrados nele” e Latourette (2006, p. 322) argumenta que “para o cristão, em nítido contraste, a história humana tem Deus como soberano. Começa com a criação do homem por Deus e prosseguirá para um apogeu no qual Deus ainda será o Senhor”.

Portanto, não é possível admitir a criação de “novos céus e nova terra” pela ação miraculosa de Jesus, enquanto se nega o relato da Criação em seis dias. Fazê-lo seria às expensas de negar as afirmações do próprio Cristo (Mateus 19.4). Porque a mesma mão que interferiu miraculosamente na natureza quando o Senhor Jesus caminhava com os Seus discípulos (Mateus 21.18-20), também operou o milagre da Criação (João 1.1-3; Colossenses 1.16).

Usando os recursos de Seu maravilhoso poder, assim como no princípio, operará de maneira sobrenatural para recriar o mundo e lhe devolver a harmonia original: “E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras [...]

Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir” (Apocalipse 21.5; Salmo 33.9). Por isso, sem sombra de dúvidas, uma análise séria das Sagradas Escrituras demonstrará que o modelo sugerido para justificar o começo de todas as coisas é a Criação!

INDICAÇÃO DE VÍDEO

Uma breve introdução ao estudo etimológico do termo “escatologia” e o esboço de alguns textos bíblicos sobre a doutrina das últimas coisas.

Assista o vídeo: **O que é Escatologia**. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=D0Re_MGBn8w&ab_channel=Renascer-InstitutoTeol%C3%B3gico

LEITURA COMPLEMENTAR

O autor vê a escatologia de forma mais ampla do que simplesmente uma abordagem sobre as coisas futuras. Embora ele realce o aspecto dos eventos finais, a sua principal ênfase recaís sobre os desígnios de Deus relacionados à pessoa e obra de Jesus Cristo.

Leia o artigo em <https://pt.ligonier.org/artigos/escatologia-um-conceito-que-abrange-toda-a-biblia/>.

11

MATHISON, Keith A. *Escatologia: Um conceito que abrange toda a Bíblia*. Ministério Ligonier, 13 de maio de 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta UNIDADE tratou, primeiramente, da questão etimológica e conceitual da escatologia. No entanto, o seu maior enfoque foi demonstrar que à luz das Sagradas Escrituras o criacionismo é preferível ao evolucionismo, quando se leva em consideração os pressupostos da protologia. Há um intercâmbio de significados análogos entre a escatologia e a protologia, o que pode ser verificado quando a Recriação é posta lado a lado com a Criação. Enquanto o evolucionismo propõe milhões de anos para a formação do planeta e dos seres criados, incluindo o ser humano, o criacionismo defende a criação em seis dias de atividades divinas com um de repouso comemorativo. Essa abordagem é consentânea com os milagres de Jesus operados na natureza, como acalmar imediatamente os ventos e o mar, ou secar uma figueira apenas pelo poder de Sua Palavra. Além disso, a nomenclatura

empregada para descrever o novo mundo ou a nova Criação (na esfera do *eschatos*), corresponde ao princípio, à Criação (na esfera do *protos*). Depreende-se do exposto que, biblicamente, o modelo bíblico das origens é o criacionismo.

HORA DE REVISAR

Destacamos nesta primeira unidade as definições dos dois termos-chaves da abordagem, a Escatologia, do grego “*éschaton*” (fim) e “*logos*” (estudo); e a Protologia, estudo das “primeiras coisas”, ou seja, a origem do mundo e da vida. Notamos que a Criação inicial serve como paradigma para a Recriação futura. Assim como Deus criou todas as coisas no princípio, Ele também promete renová-las, conforme descrito em Gênesis e Apocalipse. O advento de Cristo é central na consumação desse plano. Destacamos quatro aspectos da Criação, conforme sugeridos por Hasel: Tempo e Duração, Criador, Modo e Objeto. Vimos que o evolucionismo destoa da narrativa bíblica ao propor processos naturais em longos períodos. Hasel (2004) argumenta que a aceitação de um modelo evolucionista obscurece a compreensão da Recriação como uma obra miraculosa de Deus.

12

Concluimos que a análise bíblica aponta para o modelo Criacionista como a base da história humana e da esperança escatológica. Reconhecer a Criação literal é essencial para compreender e aceitar a Recriação prometida. Assim, a escatologia bíblica só faz sentido à luz da protologia, reafirmando a centralidade de Deus como Criador e Recriador.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2002). Sociedade Bíblica do Brasil.

BROWER, K. E. Escatologia. In: Alexander, T. D. & Rosner, B. S. ed. **Novo Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Vida Acadêmica, 2009.

BRUCE, F. F. Escatologia. In: Walter Elwell, ed. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. 3 vol. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 11. ed. 6 vol. São Paulo: Hagnos, 2013.

CLOUSE, ROBERT G. Eschatology. In: Douglas, J. D. ed. **The New International Dictionary of the Christian Church**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1978.

HASEL, M. G. **No Princípio: A relação inseparável entre protologia e escatologia**. In: Timm, A. R.; Rodor, A. A.; Dorneles, V. ed. **O Futuro**. São Paulo: Unaspress, 2004.

LATOURETTE, K. S. **Uma História do Cristianismo**. 2 vol. São Paulo: Hagnos, 2006.

UNIDADE 2 – ESTUDO DA APOCALÍPTICA APÓCRIFA E DA APOCALÍPTICA BÍBLICA

Objetivos:

- Examinar a natureza da literatura apocalíptica.
- Analisar a escatologia do livro de Daniel e do livro de Apocalipse.
- Estudar a escatologia nos evangelhos e nos escritos Paulinos e Petrinus.

Noções Preliminares

- **Apocalíptica** – Literatura que se popularizou no ambiente judaico a partir do período intertestamentário até o final do primeiro século d.C., ocorrendo também no ambiente cristão.
- **Apocalypsis** – Significa “revelação”, expressão formada de dois termos gregos, *apó* (afastar) e *kalypto* (cobrir). Portanto, afastar-se de encobrir, ou revelar.
- **Apocalipcismo** – O estudo dessa modalidade de revelação.
- **Apocalipcista** – O vidente que recebe essa revelação.
- **Imagens Pictóricas** – Gravuras, desenhos e imagens utilizadas na literatura apocalíptica.
- **Pseudoepígrafo** – Que possui um título ou autoria falsos, isto é, falso canônico.

14

A natureza da literatura apocalíptica

a) A Apocalíptica Extrabíblica

Essa literatura se popularizou aproximadamente entre os anos 250 a.C. e 150 d.C. O segundo século a.C., chamado de período intertestamentário, também ficou conhecido como anos do silêncio de Deus. Não havia manifestação profética e os judeus estavam sofrendo perseguições por parte dos gregos. A literatura surgida na ocasião foi caracterizada por pseudônimos ou pseudoepígrafos, porque os autores usavam nomes de personalidades famosas do povo judeu para proclamar mensagens de esperança. Por isso,

nomes como Moisés, Enoque e outras figuras famosas eram utilizados pelos autores.

Johnsson (2011, p. 871) chama a atenção para duas concepções em voga na literatura apocalíptica: a apocalíptica como gênero literário e como visão de mundo (cosmovisão).

1. A apocalíptica como gênero literário.

Como gênero literário, ela é encarada pelo mundo acadêmico como extrabíblica. Johnsson (2011, p. 872) explica que foi a partir de 1832, quando os escritos não canônicos, tanto de fontes judaicas como cristãs, foram agregados à apocalíptica bíblica a fim de formar um só corpo literário, separado de outras formas literárias, também rotuladas de “literatura apocalíptica”.

Na verdade, se não for vista com os olhos da crítica, a apocalíptica bíblica é a modeladora para definir o gênero literário. No entanto, o mundo acadêmico leva em consideração a maior quantidade de material da literatura extrabíblica para torná-la modeladora da literatura bíblica.

Esse fato conduz a um grave problema, tendo em vista que grande parte dessa literatura utiliza pseudônimo, muitos eruditos duvidam da autoria dos livros de Daniel e Apocalipse. Um fator que corrobora para isso é o fato de os livros apocalípticos pseudônimos estarem carregados de simbolismos e de narrativas em que o mal é derrotado, e o bem triunfa. No entanto, uma observação mais abalizada na datação do livro de Daniel, demonstrará a sua composição no VI século a.C. Ele, portanto, é o modelo e não, o contrário, como veremos nas próximas seções.

2. A apocalíptica como visão de mundo.

O Apocalipse bíblico, bem como a demais literatura apocalíptica vêm sendo empregados nos últimos anos para representar a condição caótica da humanidade, com a suas constantes guerras e fenômenos assoladores. Essa ênfase na literatura apocalíptica tem inundado as páginas de livros, jornais e revistas, além de encher as salas de cinema e inundar recintos domésticos com a ênfase no catastrofismo. Johnsson (2011, p. 872) apela: “Esse emprego atual da terminologia apocalíptica não pode governar nossa

compreensão do material bíblico. A apocalíptica bíblica deve se revelar a nós em seus próprios termos.”

É a incompreensão do livro de Daniel, bem como de Apocalipse que leva essa interpretação estapafúrdia. Ambos os livros descrevem por antecipação os sofrimentos e agruras do povo eleito, mas realçam a proteção e cuidado divinos quanto aos fiéis filhos de Deus. Na verdade, o maior enfoque da literatura apocalíptica bíblica é a esperança. A garantia de vitória sobre os inimigos da fé e a vitória final com o estabelecimento definitivo do Reino de Deus após a segunda vinda de Cristo.

Dessa forma, a cosmovisão catastrofista relacionada à apocalíptica, especialmente, a apocalíptica bíblica, reflete o desconhecimento da própria literatura, e, para os que assim encaram essa literatura, bem se aplica as palavras de Jesus: “Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus” (Mateus 22:29).

Finalizando essa seção, reiteramos que a literatura apocalíptica bíblica é original, inspirada e antiga, e que a literatura apocalíptica popularizada a partir do segundo século a.C. é apenas uma caricatura da original, um simulacro, particularmente do livro de Daniel, escrito no sexto século a.C. Portanto, concordo com a observação de Johnsson (2011, p. 872) que apenas a apocalíptica bíblica “tem lugar garantido no Canon sagrado, aceito como inspirado por Deus, como o restante da Escritura.”

16

b) A Apocalíptica Bíblica

Devido à influência da Baixa Crítica houve uma tendência de classificar o livro de Daniel como *profecia post-scriptum* tendo sido escrito no segundo século a.C., com isso, minimizando a sua autoridade como profecia autêntica produzida séculos antes, no sexto século a.C. Em relação à questão linguística, não há evidência documental para negar a composição do livro no 6º século a.C. (HASEL, 2021, v. 2, p. 119) afirma: “Fragmentos de manuscrito de Daniel das cavernas de Qumran mostram a mesma transição do hebraico ao aramaico em 2:4b e de volta ao hebraico em 8:1 como ocorre em nossa Bíblia Hebraica atual (massorética)”. Os nomes dos companheiros de Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-nego, conforme

Hasel (2021, v. 2, p. 122) são acadianos e “se ajustam perfeitamente à época do sexto século e não colocam qualquer dificuldade para uma data anterior ao período macabeu para o livro de Daniel”.

Em relação às expressões gregas que aparecem no livro de Daniel, “o renomado orientalista W. F. Albright demonstrou, há várias décadas, que a cultura grega de fato penetrou o Antigo Oriente Médio muito antes do período neobabilônico” (ALBRIGHT, 1957, p. 337, citado em HASEL, 2021, v. 2, p. 123).

Concernente à língua aramaica, Hasel (2021, v. 2, p. 124) explica:

Historicamente, o aramaico é dividido em vários grupos principais:

- (1) ‘aramaico antigo’ (*Altaramäisch*) [...], empregado até 700 a.C.;
- (2) ‘aramaico oficial’ (*Reichsaramäisch*), usado de 700 a 300 a.C.’ [...],
- (3) ‘aramaico médio’, usado de ‘300 a.C. até os primeiros séculos da Era Comum’ [...]; e
- (4) ‘aramaico posterior’, empregado daí em diante.

17

A argumentação contra a datação de Daniel no segundo século veio de eruditos respeitados no mundo acadêmico, tais como R. D. Wilson; W. St. Clair Tisdall e Charles Boutflower. Nos seus estudos, eles defendem a antiguidade da composição do livro de Daniel (HASEL, 2021, v. 2, p. 125). Para finalizar, conforme Kitchen, citado por Hasel (2021, v. 2, p. 126) afirma que “o aramaico de Daniel (e de Esdras) é simplesmente parte do aramaico imperial [oficial] – em si, estabelecido de maneira praticamente inquestionável entre 600 e 300 a.C.”

A seguir, vamos abordar sobre a outra concepção popular da literatura apocalíptica que se expandiu, particularmente nos últimos anos com a globalização da informação e a avassaladora influência midiática, a apocalíptica como a cosmovisão do presente fragilizado pelos desastres que afligem a humanidade.

A apocalíptica nos livros bíblicos

a) A escatologia dos livros de Daniel e Apocalipse

Os livros de Daniel e Apocalipse estão intimamente ligados, não apenas quanto ao gênero literário, mas pela interligação entre eles. De acordo com vários autores,

incluindo Stefanovic (2023, p. 16) o livro de Apocalipse foi escrito na Ilha de Patmos, no Mar Egeu, quando o apóstolo João foi para lá exilado, em torno do ano 96 d.C. pelo imperador romano Domiciano (81-96 d.C).

Ainda que o livro de Apocalipse não cite nenhum outro livro da Sagrada Escritura, ele é quase completamente composto por alusões e referências aos outros livros da Bíblia. Assim como Daniel, ele é rico em imagens pictóricas, várias das quais retiradas das imagens pictóricas de Daniel, e de tal forma, que se torna dependente daquele, a fim de conduzir o leitor à compreensão das profecias de Daniel e interpretar adequadamente o Apocalipse. De uma certa forma, há uma dependência de Apocalipse em relação a Daniel.

Os símbolos do Apocalipse não aparecem a esmo, nem constituem uma invenção caprichosa de João, mas foram fornecidos pelo legítimo autor do livro. O Senhor Jesus elaborou a cadeia de símbolos baseada nas figuras contidas nas Escrituras. Portanto, os símbolos não são externos, mas oriundos dos outros livros da Bíblia, ou seja, o Apocalipse bíblico deve ser interpretado levando-se em consideração os seus próprio termos e critérios.

18

No capítulo 1:1, o termo traduzido por “notificou” é *semaion* [σημαίνω] de *sema* (uma marca; algo para indicar: significar). Palavra que dá origem a semiótica e símbolos. Este termo fornece ao apóstolo João a maneira como o livro será composto e, ao mesmo tempo, como deve ser interpretado.

No verso 3 o próprio Jesus justifica a razão pela qual o livro deve ser lido, “porque o tempo está próximo”, e o evento em foco é anunciado no verso 7, a vinda do Senhor. O grande objetivo do livro, portanto, é preparar o povo eleito para o retorno de Cristo.

Há variadas escolas de interpretação profética, das quais destacaremos quatro:

1. **O Preterismo** – como o próprio termo indica, o método se concentra no passado. Nele não há o elemento preditivo, mas, conforme afirma Stefanovic (2023, p. 23), “o pressuposto básico do método preterista é que o Apocalipse narra a perseguição universal da igreja por Roma no 1º século.” Por isso, o livro foi escrito para levar conforto aos cristãos perseguidos.

2. **O Idealismo** – argumenta não haver propósito histórico no livro de Apocalipse. Stefanovic (2023, p. 23) explica a posição do idealismo da seguinte maneira: “o livro conteria uma descrição simbólica da luta contínua entre o bem e o mal, que não pode ser aplicada a nenhum período temporal ou lugar histórico específico”. O seu enfoque recai nos princípios éticos e morais que devem nortear a vida crista em qualquer época.

3. **O Futurismo** – O futurismo relega o cumprimento das profecias do livro de Apocalipse ao futuro, como se Deus não tivesse mensagens relevantes para o Seu povo durante o período que vai desde a composição do livro até os eventos finais da história. Stefanovic (2023, p. 24) destaca que o livro se projeta para o futuro, especialmente nos capítulos 4 a 22.

4. **O Historicismo**

O historicismo é o método fornecido pela própria Escritura, tendo em vista que o “Apocalipse” do Antigo Testamento, o livro de Daniel, fornece os elementos historicistas de interpretação profética no capítulo 2. Na estátua vista no sonho de Nabucodonosor, cada metal representa um reino, a partir de Babilônia até a fragmentação do Império Romano (Babilônia [606-538 a.C.], Medo-Pérsia [538-331 a.C.], Grécia [331-168 a.C.] e Roma [168 a.C.- 476 d.C.], culminando com o retorno de Cristo. Ou seja, as profecias se cumprem conforme o transcorrer da História. O capítulo 7 segue a mesma linha, mas acrescenta novos elementos, ao esboçar questões religiosas, oferecendo as características de um poder religioso antagônico ao de Cristo e paralelo a este.

O historicismo não é uma imposição de intérpretes humanos, mas uma formulação interna da apocalíptica bíblica. Stefanovic (2023, p. 24) argumenta que o historicismo está enraizado no livro de Daniel, que “lida com períodos sequenciais da história”. Na mesma página, autor ainda argumenta, “um olhar mais atento aos métodos do preterismo, idealismo e futurismo mostram sua inadequação para uma interpretação significativa do livro.”

b) A escatologia presente em porções dos evangelhos

Nos evangelhos é possível detectar várias porções escatológicas. Elas estão ligadas entre si e associadas a outras porções das Escrituras. As seções de Mateus

24 e 25, Marcos 13 e Lucas 17 e 21. O estudo atento dessas porções mostrará a sua interligação.

Em Mateus 24 do verso 3 ao verso 14 estão relatadas as profecias gerais (como ocorrem em porções de Marcos e Lucas), porém, do verso 15 ao verso 31, profecias específicas, indicando, primeiramente o fim do templo e a destruição de Jerusalém preditas em Daniel 9.24-27. O abominável da desolação anunciado em Mateus 24.15 e Marcos 13:14, é explicado por Lucas 21.20 como sendo os exércitos *romanos*, sitiando a Cidade de Jerusalém. Tendo em vista que as profecias se estendem até o retorno de Jesus Cristo, pode-se perceber que elas se apresentam em duas fazes, a primeira, relacionada à queda de Jerusalém e a segunda, relacionada ao fim do mundo.

Se o abominável da desolação representa Roma em sua fase militar, na sua segunda fase, a referência é à Roma religiosa, conforme descrita em Daniel 7.25; 9.27; 11.31 e 12.11. O capítulo 7 revela a identidade do chifre pequeno, de forma simbólica, como aquele que “proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei”. Esse poder ainda perseguiria o povo de Deus por 1260 dias proféticos, ou seja, 1260 anos literais. Por essa razão o Senhor Jesus fez a advertência em Mateus 24.20, que se aplica às duas fazes de Roma. Todas elas culminam com a vinda do Senhor Jesus. Mateus 25 aborda sobre as duas espécies de crentes que estariam vivendo por ocasião do retorno do Senhor, o comportamento de ambos e qual a categoria que estaria habilitada para herdar o Reino de Deus.

c) A escatologia presente nos escritos Paulinos e Petrinus

Em 1 Coríntios 15.51-55, Paulo discorre sobre a ressurreição dos redimidos, por ocasião do toque da última trombeta, isto é, no retorno de Jesus, quando ocorrerá uma radical transformação na natureza humana dos crentes vivos na ocasião, de corruptível para incorruptível. O tema também é tratado em 1 Tessalonicenses 4.16-17, onde é mencionada a trombeta, como na carta aos Coríntios, e o Senhor Jesus com voz de arcanjo, ressuscitando “os mortos em Cristo” e recebendo, nas nuvens, ambos os grupos, dos crentes ressuscitados e dos crentes, então, vivos.

Essas duas passagens estão virtualmente ligadas àquelas dos evangelhos supracitadas e que mencionam a segunda vinda nas nuvens do céu (Mt 24.30-31; Mc 13.26-27; Lc 21.27), e são corroboradas pelo texto de Apocalipse 1.7, “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá”. Esta também será a ocasião em que o Senhor Jesus aniquilará o *iníquo* “pela manifestação de sua vinda” (2Tes 2.8).

Curiosamente, ao explicar que a vinda do Senhor não ocorreria em seus dias, Paulo afirmou que ela não ocorreria “sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição” (2Tes 2.3). No texto grego, a frase “seja revelado o homem da iniquidade” é a tradução de ἀποκαλυφθῇ ὁ ἄνθρωπος τῆς ἀνομίας [apokalyfthē ho anthrōpos tēs anomias]. A expressão “ho anthrōpos tēs anomias”, literalmente, significa: “o homem que viola ou infringe a lei” (GHSB3). Uma referência a Daniel 7.25 “e cuidará em mudar os tempos e a lei”.

Ao cumprimentar aos irmãos e apresentar saudações e bênçãos, o apóstolo Pedro incluiu os de Babilônia: “Aquele que se encontra em Babilônia, também eleita, vos saúda, como igualmente meu filho Marcos” (1Pe 5.13). Possivelmente, o apóstolo estava escrevendo a partir de Roma no ano 64 d.C. Nessa ocasião Babilônia não existia mais, porém, era um costume dos cristãos primitivos usar um código ao tratar Roma como Babilônia, porque havia uma identificação. Assim como os judeus haviam sido deportados de sua terra natal para Babilônia, os cristãos também estavam sofrendo sob os despóticos governos imperiais romanos (BÍBLIAJFA).

Em Apocalipse 13.18 aparece o número místico que vem intrigando os estudiosos através dos séculos: “Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis”. O número seis está relacionado ao homem, criado no sexto dia, em sua rebeldia contra Deus. Conforme explica o pastor australiano Were (s.d., p. 44-45), Curiosamente, a palavra “Babilônia” aparece seis vezes no Apocalipse (14:8; 16:19; 17:5; 18:2, 10, 21); a mulher que representa a igreja de Babilônia, também é mencionada seis vezes (17:3, 4, 6, 7, 9, 18); relacionados às vestes dessa mulher estão catalogados seis objetos (17:4 e 18:16); a prostituição ou fornicção dessa mulher é mencionada seis vezes (2:21; 14:8; 17:2, 4; 18:3; 19:2); as vozes de seis pessoas não serão mais ouvidas em Babilônia (18:22-23); e as coisas que não mais serão achadas em Babilônia, também são seis (18:14, 21-23).

Esse código baseado em seis, também é uma reprodução da linguagem codificada de Daniel: a imagem erigida pelo rei da antiga Babilônia, media sessenta cúbitos de comprimento e seis cúbitos de largura (Dan. 3:1). Na dedicação da imagem, eram seis os principais instrumentos da orquestra de Nabucodonosor (Dan. 3:5, 10, 15). Belsazar, em sua festividade profana, louvou a seis deuses (Dan. 5:5, 23). A árvore que representava o rei Nabucodonosor no capítulo 4, é mencionada seis vezes (versos 10, 11, 14, 20, 23, 26). (idem).

O número seis é mencionado 92 vezes na Bíblia. Em todas elas se refere ao ser humano, sua natureza, suas obras, sua herança e seu destino. O número sete, por outro lado, é símbolo de perfeição. É impressionante o fato de que Deus abençoou o sétimo dia da semana e o reservou como sagrado, inteiramente pertencente a Ele. O número sete é mencionado 323 vezes na Bíblia e, em todas elas, refere-se a Deus e a Suas obras de misericórdia e de juízo. É o símbolo de Deus, de Seu poder e de Seu governo.

Na sua segunda epístola, Pedro faz menção da segunda vinda e a maneira como o planeta sofrerá os efeitos do juízo divino e do fogo (2P 3.9-13), conforme a predição de alguns textos do Antigo Testamento (Sl 50.3; MI 3.2; 4.1; Jl 2.11; Am 5.18; Sf 1.14-18). E Daniel 7.11, fazendo referência ao castigo do animal insolente no juízo, afirma: “Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado.” Porém, a vitória final está reservada para o povo eleito: “O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será reino eterno” (Dn 7.27).

INDICAÇÃO DE VÍDEO

Este é um dos episódios do programa *Teólogos* da TV Novo Tempo. O tema é apresentado de maneira bíblica e com muita sobriedade, levando em consideração sólidos princípios exegeticos.

Assista o vídeo: **Como abordar a literatura apocalíptica**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Za1IDF2deaY&t=2102s>

LEITURA COMPLEMENTAR

O texto explora as diferentes correntes interpretativas da literatura apocalíptica, apresentando as concepções de um número variado de especialistas da área.

Levando em consideração a peculiaridade da apocalíptica bíblica, estude o artigo em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4740538.pdf>.

SOARES, Dionísio Oliveira. *A literatura apocalíptica: o gênero como expressão*.

23

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta segunda UNIDADE foi apresentada a natureza da literatura apocalíptica simbolismos baseados nas figuras pictóricas de livros escatológicos do Antigo Testamento, como Daniel e Ezequiel e outros, sua origem no ambiente judaico, a datação de sua maior popularidade - do período intertestamentário até os primeiros séculos da era cristã – uma breve análise da escatologia nos livros de Daniel e Apocalipse, além de verificar porções escatológicas nos evangelhos e nos escritos Paulinos e Petrinus, fazendo a comparação com outras porções da Sagrada Escritura, incluindo, é claro, o livro de Apocalipse.

HORA DE REVISAR

A literatura apocalíptica, que floresceu aproximadamente entre os séculos II a.C. e II d.C., é um gênero marcado por simbolismos, narrativas sobre o conflito entre o bem e o mal e mensagens de esperança para tempos difíceis. No contexto bíblico, os livros de Daniel e Apocalipse se destacam como exemplos inspirados desse

gênero, diferenciando-se de textos extrabíblicos por sua profundidade teológica, veracidade e conexão com outras partes das Escrituras. Eles apresentam profecias que descrevem a luta entre forças divinas e demoníacas no palco humano, apontando para a vitória final de Deus e o estabelecimento de Seu reino, oferecendo esperança em meio à adversidade.

Esses livros estão interligados não apenas pelo uso de imagens simbólicas, mas também por uma visão histórica e escatológica que culmina no retorno de Cristo. Enquanto algumas interpretações modernas enfatizam um catastrofismo isolado, o propósito central desses textos é preparar os crentes espiritualmente e reafirmar a soberania divina. As profecias, vistas com a concepção historicista, conecta os eventos do passado, do presente e do futuro, mostrando a continuidade da revelação bíblica e a certeza de que o bem triunfará sobre o mal.

Além disso, os evangelhos e as epístolas de Paulo e Pedro expandem os temas escatológicos, destacando, por ocasião do retorno de Cristo, a transformação dos fiéis, a ressurreição dos mortos e o julgamento final. Assim, a apocalíptica bíblica permanece relevante, não como mero relato de catástrofes, mas como uma expressão da fidelidade de Deus à sua promessa de redenção, oferecendo orientação espiritual e esperança para os que aguardam o cumprimento de Seus planos.

24

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2002). Sociedade Bíblica do Brasil.

BÍBLIA. **JFA offline**. MR Rocco Internet LTDA, 2011.

GERHARD F. HASEL. Estabelecendo uma data para o livro de Daniel. In: Holbrook, F. B., ed. **Estudos sobre Daniel**. 7 vols. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2021.

JOHNSON, W. G. Apocalíptica Bíblica. In: Dederen, Raoul, ed. **TRATADO DE TEOLOGIA**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

STEFANOVIC, R. **Revelação de Jesus Cristo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023.

THE PAWNEE GROUP. **Greek and Hebrew Study Bible - GHSB3**. [S.l.]: [s.n.], 2011.

WERE, L. F. Bible Principles of Interpretation: Establish Truth and Safeguard Against Last-Day Errors. Box 363F, G.P.O., Melbourne, Australia: s.n., s.d.

UNIDADE 3 – O IMPACTO DA ANTROPOLOGIA NA ESCATOLOGIA, A ANTROPOLOGIA DO ANTIGO TESTAMENTO E A INFLUÊNCIA DOS LIVROS APÓCRIFOS NO NOVO TESTAMENTO.

Objetivos:

- Estudar a escatologia orientada por princípios antropológicos.
- Analisar a relação entre escatologia e antropologia no Antigo e Novo Testamentos.
- Examinar a escatologia dos livros apócrifos e seu impacto no Novo Testamento.

Noções Preliminares

- **Antropologia** – O termo é derivado de ἄνθρωπος (ánthropos): “homem”, “ser humano” e λόγος (lógos): “estudo”, “discurso” ou “razão”. Em outras palavras, estudo do ser humano.
- **Apócrifo** – Termo grego formado de dois vocábulos, ἀπό (apó): “longe de”, “fora de”, “separado” e κρύπτω (krýpto): “esconder”, “ocultar”. Ou seja, algo oculto ou escondido.

26

Concepções cristãs acerca da antropologia

A concepção imortalista

Essa concepção é abraçada por aqueles que acreditam na imortalidade incondicional do ser humano. O que equivale a dizer que, mesmo que o indivíduo rejeite a salvação em Cristo, ainda assim ele viverá após a morte, e por toda a eternidade em estado de suplício. E os eleitos, depois da morte, vão direto para o Céu, tendo em vista a natureza imortal da alma.

A concepção aniquilacionista

Os que defendem essa posição acreditam que o ser humano é mortal, porém candidato à imortalidade. Ainda que aceite o plano da redenção em Cristo, quando morre, fica aguardando no silêncio do túmulo até o dia da ressurreição, para desfrutar a vida eterna. O ímpio também passa pelo mesmo processo, ou

seja, depois da morte, aguarda no silêncio da sepultura a segunda ressurreição, a fim de enfrentar o juízo executivo e morrer para nunca mais voltar a viver.

A antropologia do Antigo e Novo Testamentos

1. O que a bíblia ensina sobre a morte

A Sagrada Escritura deve ser a fonte através da qual extrairmos informações seguras sobre a natureza humana. Logo no início da narrativa da Criação, Moisés descreve os elementos envolvidos na formação do ser humano: os elementos da terra, e a energia vital fornecida por Deus, chamada de fôlego de vida. O Senhor esquematizou toda estrutura física e, depois disso, insuflou a energia vital. Foi assim que surgiu a vida humana. Espera-se que na morte ocorra o processo inverso. O corpo volta a se tornar pó e a energia vital é cortada pelo Fornecedor, então, o ser vivo (alma vivente) se torna um ser morto (alma morta). Conforme verte a TEB (1997): “E o pó volte à terra, como o era, e que o sopro volte a deus que o concedeu” (Eclesiastes 12.7) [ver também Gênesis 3.19].

27

2. Breve análise da palavra alma

Conforme Froom (1966, v. 1, p. 35) analisa, muito embora a expressão *nephesh* seja muitas vezes empregada para representar “alma vivente” ou “ser vivo”, é significativo notar que *nephesh* é também usada, em contraste, para o homem como realmente morto, o que ocorre em treze passagens: “O morto”, cinco vezes (Lv 19.28; 21:1; 22:4; Nm 5.2; 6.11); “cadáver”, três vezes (Nm 9.6, 7, 10); e “corpo”, cinco vezes (Lv 21.11; Nm 6.6; 19.11, 13; Ag 2.13) — porém, não basta examinar essas passagens em Português, é necessário verificar uma versão interlinear para notar como estão grafadas no original. Por exemplo, em Levítico 19:28 o hebraico usado para “por causa de um morto” é *lanephesh* (לנֶפֶשׁ)

A análise dos textos a seguir demonstra que não há consciência na morte. Não há necessidade de uma leitura rigorosa, pois, mesmo uma breve olhada no texto demonstra esse fato: Ecl. 9.5-6; Sl 115.17; 6.5; Jó 7.8-9; etc. No entanto, o pesquisador cristão fará a seguinte indagação: e como desfrutar a esperança de vida eterna se a morte é o fim da existência?

A resposta para esse questionamento é fornecida também pela Escritura, segundo a qual, a solução para a morte é a ressurreição: João 5:28-29; 1Ts 4:16; 1Co

15.52; João 11.25; Ap 14.13; etc. E esse fenômeno maravilhoso vai acontecer quando o Senhor Jesus vier buscar os Seus eleitos. Os que estiverem vivos, e não passarem pela morte, e os que estiverem dormindo o sonho da morte. Estes ressuscitarão para herdar a vida eterna (ver Mateus 25.31-34, 41).

3. Breve análise da palavra inferno

A etimologia da palavra *Infernus* (Inferno). As considerações a seguir são do professor de Grego e Crítica Textual Pedro Apolinário (1990). Na mitologia greco-romana, o inferno era o reino de Plutão. A ideia de um lugar sob a Terra para o tormento de pessoas más nasceu da mitologia romana (basta ler a Eneida de Virgílio para tomar consciência dessa realidade), daí a origem da palavra inferno (em português, inferno) – do latim inferi, inferior, que desce. Na mitologia greco-romana, o inferno era o reino de Plutão. A ideia de um lugar sob a Terra para o tormento de pessoas más nasceu da mitologia romana (basta ler a Eneida de Virgílio para tomar consciência dessa realidade), daí a origem da palavra inferno (em português, inferno) – do latim inferi, inferior, que desce.

28

Esta palavra era geralmente usada por tradutores para expressar o significado dos termos hebraico e grego “*Sheol, hades, Gehenna e Tártaro*”. Vejamos o vocábulo *Sheol*. Esta palavra aparece 62 vezes no Antigo Testamento. *Sheol* era o lugar para onde iam os mortos, por isso é sinônimo de sepultura, ou lugar de silêncio para os mortos, e nunca teve a ideia em hebraico de um lugar de tortura para os mortos. Tente traduzir *Sheol* como inferno nestas duas passagens: Gênesis 42.38 e Jonas 2.1-2.

Outro vocábulo entendido de forma equivocada é *Hades*. A passagem de 1 Coríntios 15:56 apresenta problemas de crítica textual. Na Septuaginta, o termo *hades* aparece no vocativo e até o século 19, as traduções bíblicas frequentemente traduziam *hades* como *inferno*. Com estudos realizados na área da crítica textual, utilizando as importantíssimas descobertas de Tishendorf, verificou-se que a palavra utilizada não era *hades*, mas a palavra *thanate* (morte). Este estudo foi baseado num dos MSS mais confiáveis descoberto até agora.

Nichol (1932, p. 366) argumenta que, em 1 Coríntios 15.55, a palavra *sepultura* é uma tradução de *hades* e descreve que os justos serão finalmente vitoriosos sobre ela (a sepultura) na ressurreição. Aliás, 1 Coríntios 15.55 é uma citação do Antigo Testamento (Oséias 13:14), onde encontramos a palavra *hades* aplicada. A palavra *hades* no Novo Testamento corresponde exatamente à palavra *Sheol* no Antigo

Testamento. No Salmo 16:10, Davi disse: “Pois não deixarás a minha alma no Seol”. Pedro, usando esta passagem profética do Antigo Testamento, afirmou em Atos 2.27: “porque não deixarás a minha alma na morte”.

Outro termo interpretado de maneira equivocada é *Geena*. Palavra hebraica transliterada para o grego, que se encontra nas seguintes 12 passagens: Mateus 5.22, 29, 30; 10.28; 18.9; 23.15, 33; Marcos 9.43, 45, 47; Lucas 12.5; Tiago 3.6. *Geena* vem da palavra hebraica *Ge Hinnom* ou *Ge ben Hinnom* – *Vale de Hinom* ou *Vale do filho de Hinom*. Neste vale havia uma elevação chamada *Tofete*, onde pessoas ímpias queimavam seus próprios filhos. Neste lugar, os cananeus ofereciam sacrifícios humanos ao deus Moloque. Mais tarde, os judeus apóstatas continuaram essa prática abominável, conforme descrito em 2 Crônicas 28.3-4. Em resultado dessas transgressões, Deus advertiu seu povo de que o *Vale de Hinom* um dia se tornaria o *Vale da Matança* por causa dos cadáveres desse povo: Jeremias 7.32, 33; 19.6; Isaías 30.33.

Depois que os sacrifícios humanos foram concluídos, este lugar foi reservado para o descarte do lixo da cidade de Jerusalém. Junto com o lixo vieram os corpos de mendigos encontrados mortos na rua ou de criminosos e ladrões mortos durante a prática do crime. Esses corpos às vezes eram jogados onde não havia fogo, e os vermes que devoravam suas entranhas apareciam em um espetáculo aterrorizante. É a essa imagem que Isaías 66.24 se refere. Por isso, ser lançado na *Geena* após a morte era sinônimo de desprezo pelos mortos, abandonados por sua família, não merecendo nem mesmo uma cova rasa, sendo condenados à destruição eterna pelo fogo.

Outro termo conflitante é *Tártaro*. Essa palavra grega ocorre apenas uma vez no Novo Testamento. Encontra-se em 2 Pedro 2.4 e é muito semelhante ao termo usado na mitologia grega, com o nome de um abismo escuro ou prisão; no entanto, a palavra *tártaro* parece se referir melhor a um ato do que a um lugar. Em relação aos anjos caídos, Deus os entregou às cadeias das trevas. Não há ideia de fogo ou tormento nesta palavra, ela simplesmente afirma que esses anjos estão reservados para julgamento futuro.

Os problemas relacionados à palavra inferno desaparecem quando conhecemos bem o significado etimológico dos termos *Sheol*, *hades*, *Gehenna* e

Tártaro, que nunca poderiam ser traduzidos por nossa palavra inferno porque tem uma conotação totalmente diferente do que é expresso por essas palavras.

Dessa maneira, conforme a antropologia bíblica, o ser humano é mortal, candidato à imortalidade, e as informações relacionadas à sua natureza estão contidas nos escritos do Antigo Testamento, Moisés e os profetas, conforme o Senhor Jesus explicou aos líderes religiosos de Seu tempo com a parábola do rico e Lázaro, ao por nos lábios de Abraão as palavras: “Respondeu Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos” e ainda explicou a única maneira de retornar à vida, ou seja, a ressurreição: “Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão. Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos (Lc 16.29-31 – ver também Lucas 24.27; João 5.46-47).

4. Breve análise da palavra eterno

Os arrazoados a seguir são baseados nos estudos de Nichol (1932).

As palavras traduzidas como *eterno* e *para sempre* não significam necessariamente nunca terminar. Esses termos, quando encontrados no Novo Testamento, vêm do substantivo grego *aion*, ou do adjetivo *aionios* derivado desse substantivo. Quando examinamos vários textos bíblicos contendo *aion*, descobrimos imediatamente como seria impossível tentar fazer com que essa raiz grega sempre signifique um período interminável.

Lemos em Mateus 13.39 sobre “o fim do mundo [*aion*]”. Como poderia haver um *fim* para algo infinito? (Aqui está uma ilustração de onde *aion* pode ser traduzido como *idade* ou *era*, o *mundo* sendo visto em seu aspecto de tempo. Em Colossenses 1.26, *aion* é traduzido assim). Lemos que Cristo foi exaltado acima de 'todo nome que se nomeia, não apenas neste mundo [*aion*], mas também no vindouro' (Efésios 1:21), e sobre “este presente século [*aion*]” (2 Timóteo 4.10). Assim, vemos que um *aion* pode ter um fim, pois este *aion* atual deve ser seguido por outro diferente. A Escritura faz referência ao que “Deus ordenou antes da fundação do mundo [*aion*]” (1 Coríntios 2.7).

Está escrito acerca de Cristo: “Tu és sacerdote para sempre [*aion*]” (Hebreus 5.6). Mas, o “para sempre”, ou *aion*, significa esta *era* presente, pois os teólogos concordam que a obra de Cristo como sacerdote terminará quando o pecado for erradicado. O trabalho de um sacerdote é lidar com o pecado (Hebreus 2.17 e 5.1).

Paulo, escrevendo a Filemom com respeito ao retorno de seu servo Onésimo, disse: “Deves recebê-lo [tê-lo, A.R.V.] para sempre [*aionios*]... tanto na carne como no Senhor” (Filemom 15, 16). O adjetivo aqui é derivado de *aion*. H. C. G. Moule comentando sobre este texto, afirma que o adjetivo tende a marcar a duração, desde que a natureza do assunto permita e, pelo uso, tem uma estreita ligação com as coisas espirituais. Assim, 'para sempre' aqui se refere à permanência natural e espiritual da restauração; 'para sempre' na terra, e depois no futuro; um retorno final à casa de Filemom, com uma perspectiva do Céu na companhia de Filemom. Porém, como Filemom poderia ter Onésimo “para sempre” na terra, e depois “no futuro”, a menos que o terreno “para sempre” tivesse um fim para isso?

Outro exemplo é o de “como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas [...] são postas para exemplo do fogo eterno [*aionios*]” (Judas 7). Essas cidades, incendiadas há muito tempo como um julgamento divino, ainda estão queimando? Não; suas ruínas estão bastante submersas pelo Mar Morto. A própria Bíblia afirma especificamente que Deus transformou as cidades de Sodoma e Gomorra em cinzas (2 Pedro 2.6).

31

No Antigo Testamento, os termos “eterno” e “para sempre”, traduzidos do vocábulo hebraico *olam* (equivalente ao grego *aion*), podem se referir a períodos limitados de tempo, conforme observamos nos seguintes textos: A Páscoa deveria ser observada “para sempre [*olam*]” (Êxodo 12.24). Mas terminou com a cruz (Hebreus 9.24-26). Arão e seus filhos deveriam oferecer incenso “para sempre [*olam*]” (1 Crônicas 23.13) e ter um “sacerdócio eterno [*olam*]” (Êxodo 40.15). Mas este sacerdócio, com suas ofertas de incenso, terminava na cruz (Hebreus 7.11-14). Um servo que desejasse ficar com seu mestre, deveria servi-lo “para sempre [*olam*]” (Êxodo 21.1-6) Como poderia servir a um mestre por um tempo infinito? Haverá senhores e servos no mundo vindouro?

Jonas, descrevendo sua experiência dramática, disse: “Desci até aos fundamentos dos montes, descí até à terra, cujos ferrolhos se correram sobre mim, para sempre [*olam*]” (Jonas 2.6). No entanto, esse “para sempre” durou apenas “três dias e três noites” (Jonas 1.17), ou seja, um curto “para sempre”. Outro exemplo é o de Geazi, servo de Eliseu, que, ao cometer engano, ouviu a declaração do profeta: “A lepra, portanto, de Naamã se apegará a ti [Geazi] e à tua descendência para sempre

[*olam*]" (2 Reis 5.27). Devemos, então, concluir que a linhagem de Geazi jamais teria fim e que a lepra seria perpetuada eternamente?

Dessa forma, pelo teste rigoroso do uso correto dos vocábulos, descobrimos que, em vários casos, como examinados acima, *aion*, *aionios* e *olam* têm um valor de tempo bem limitados. Portanto, todos os textos onde aparecem essas expressões em português, elas devem ser analisadas à luz da compreensão hebraica no contexto em que foram produzidas.

Aspectos da escatologia apócrifa encontrados no Novo Testamento

Os livros apócrifos e pseudoepígrafos não podem ser ignorados como literatura e, particularmente, os pseudoepígrafos, porque eles frequentemente usam símbolos e abordam temas presentes na literatura bíblica. Champlin (2013, v. 2, p. 441), fazendo referência a 1 Enoque, afirma "que dificilmente há alguma seção do Novo Testamento que não demonstre alguma dependência a esse livro." Diferente do que Champlin escreve, o Novo Testamento não depende da literatura apócrifa ou pseudoepígrafa, mas aborda temas comuns à época e lugar onde se desenvolveram. A diferença está no fato de que o Novo Testamento está apoiado na sólida base do Antigo Testamento e nos ensinamentos do Messias, ao passo que a literatura apócrifa está repleta de superstição e credências não apoiadas pela inspiração. Contudo, essa literatura apresenta respingos de verdades que, criteriosamente, os escritores neotestamentários destacaram por se adequar ao enredo que abordavam, e por refletirem uma crença conhecida do povo de Deus e autorizada pelas Escrituras.

32

A literatura apócrifa não foi incluída no cânone bíblico, embora circulasse entre as comunidades religiosas do judaísmo e do cristianismo primitivo. Exemplos dessa literatura são o Evangelho de Tomé e o Evangelho de Pedro. A literatura pseudoepígrafa se apropriava de títulos e nomes de figuras bíblicas renomadas em uma época em que o povo de Deus clamava por esperança, devido à opressão dos invasores gregos, no período intertestamentário e durante os primeiros anos da Igreja Cristã. Exemplos dessa literatura são o Livro de Enoque, os Salmos de Salomão e os Testamentos dos Doze Patriarcas.

Para fazer parte do Canon bíblico, a literatura do Novo Testamento precisava se encaixar em algumas características fundamentais: Apostolicidade, ou seja,

precisava ter sido produzida por um apóstolo ou por alguém intimamente ligado a ele. Como exemplo de escritos apostólicos temos os Evangelhos de Mateus e João e de cristãos próximos aos apóstolos, temos os Evangelhos de Marcos e Lucas, colaboradores próximos dos apóstolos (Pedro e Paulo, respectivamente).

Outro aspecto relevante e que era um dos aferidores de autenticidade da literatura era se o autor era testemunha ocular ou proximidade bem próximo de um apóstolo, tendo em vista que os apóstolos eram considerados testemunhas oculares da vida, morte e ressurreição de Jesus ou instruídos diretamente por quem conviveu com Ele.

A segunda característica fundamental era a Ortodoxia ou conformidade doutrinária com as Escrituras já reconhecidas como canônicas. Era necessário, portanto, que houvesse consistência com a fé cristã, ou seja, o conteúdo do texto precisava estar em harmonia com os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos. Literatura que contivesse textos divergentes ou heréticas, tais como os evangelhos gnósticos (*Evangelho de Judas*, *Evangelho de Tomé*) eram descartados.

33

A terceira característica fundamental era a catolicidade ou universalidade, isto é, O texto precisava ser reconhecido e aceito como autoritativo pela comunidade cristã, espalhadas pelas diferentes regiões onde o cristianismo havia chegado. Assim, cartas enviadas a comunidades locais, mas que tinham relevância universal, como as epístolas de Paulo, eram mais facilmente aceitas.

Finalmente, a outra característica essencial era a inspiração divina. Os textos inspirados possuíam autoridade em si próprios, tendo em vista que refletiam os princípios éticos morais do Antigo Testamento e os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos. É desnecessário dizer, mas importante lembrar que todos os escritos neotestamentários precisavam ser centrados na pessoa e na obra de Jesus Cristo.

Portanto, qualquer parcela da literatura apócrifa ou pseudoepígrafa que tenha sido incorporada no cânon, só o fez, porque, ainda que o material como um todo não resistisse à prova, ele continha elementos de verdade que autorizava a sua inserção na Escritura do Novo Testamento.

A prática de cita autores não inspirados, ou apresentar material semelhante aos deles, não é nova. Christianini (s.d.) afirma que a Bíblia está repleta dessas

referências ou citações. Moisés, por exemplo, incluiu na lei civil judaica pelo menos dois preceitos do Código de Hamurabi, da Babilônia: o que pune com morte o raptor, e a pena de talião, o “olho por olho, dente por dente”. O fato pode ser confirmado, examinando o Código Babilônico, itens 14, 196 e 200 com Êxodo 21.16 e Deuteronômio 19.21. No entanto, os preceitos desumanos do mesmo código, Moisés rejeitou. Mas os que incorporou no pentateuco, tornaram-se inspirados, porque “toda Escritura é inspirada por Deus” (2Tim 3.16).

O autor supracitado demonstra que o mesmo ocorre no Novo Testamento, dizendo que Paulo, incorporou aos seus escritos, no mínimo, três poetas pagãos: Arato, Menandro e Epimênides (Atos 17.28; I Cor. 15.33; Tito 1.12). E o pensamento desses autores, depois de registrados nos livros bíblicos, passaram a ser inspirados, porque “toda Escritura é inspirada por Deus”. Paulo citou Menandro no livro de Atos e em 1 Coríntios e, da mesma forma, citou Epimênides no livro de Tito. A primeira parte do versículo 28 vem da obra “*Crética*” por Epimênides, que viveu em meados dos anos 600 a.C. A segunda parte do verso de Hino a Zeus, foi escrita pelo poeta cilício Arato (315-240 a.C), citação tirada do poema *Fenômenos*. Com certeza, ambas as linhas foram dirigidas a Zeus na literatura grega, mas Paulo as aplicou ao Criador de quem ele falava.

34

Em 1 Coríntios 15.33, está escrito: “*Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes*”, um ditado contemporâneo de Paulo, formando um verso em Menander (ca. 342 a.C. – 291 a.C.), o poeta cômico, que provavelmente citou Eurípides. A frase: “más conversações corrompem os bons costumes” são encontradas em uma peça de Menander (IV-III séculos a.C.), mas podem ter se tornado um ditado comum no tempo de Paulo.

Outro exemplo encontra-se em Tito 1.12: “Um deles, seu próprio profeta, disse: Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos.” Epimenides de Phaestus, ou Gnossus, em Creta, cerca de 600 a.C. foi enviado para purificar Atenas de sua poluição ocasionada por Cylon. Ele foi considerado como um adivinho e profeta. As palavras aqui, provavelmente foram tiradas do seu tratado “Concernente a Oráculos”.

Da mesma forma, Judas extraiu do “Livro de Enoque” e “Ascensão de Moisés”, livros pseudoepígrafos. Em Judas 1.14-15 o texto foi tirado do livro de Enoque 2.1:

“Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades para exercer juízo contra todos [...] as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele.” Uma afirmação que reflete a crença na vinda gloriosa do Messias e que, muito embora proferida através de um livro não canônico, entrou no cânon por refletir uma verdade que constitui um dos pilares da fé cristã.

E, mesmo antes do cristianismo aflorar, a esperança messiânica enchia as páginas do Antigo Testamento, por isso, com razão afirma Pereyra (2004, p. 107), “O NT interpreta que Jesus, o Messias redentor, é o cumprimento e a realidade da esperança escatológica central do AT.” Tendo como modelo os livros escatológicos e simbólicos do Antigo Testamento, como Daniel e Ezequiel, muitos autores no período intertestamentários se valeram dessas figuras emblemáticas e dos nomes famosos dos personagens nacionais para divulgarem a sua literatura, o que ocorreria também nos tempos do Novo Testamento em relação aos seus escritos, tais como Evangelhos, Atos, Epístolas e Apocalipse, que seriam utilizados como títulos da literatura extra bíblica, tais como aparece na lista de Apolinário (1990, p. 147) abaixo:

35

1. "Evangelhos: Evangelho segundo os Hebreus; Evangelho dos Egípcios; Evangelho dos Ebionitas; Evangelho de Pedro; Protoevangelho de Tiago; Evangelho de Tomé; Evangelho de Filipe; Evangelho de Bartomeu; Evangelho de Nicodemos; Evangelho de Gamaliel; Evangelho da Verdade.
2. Epístolas: I Clemente, As Sete Epístolas de Inácio; aos Efésios, aos Magnésios; aos Trálios, aos Romanos, aos Filadélfios, aos Esmirnenses e a Policarpo; a Epístola de Policarpo aos Filipenses; a Epístola de Barnabé.
3. Atos: Atos de Paulo; Atos de Pedro; Atos de João; Atos de André; Atos de Tomé.
4. Apocalipses: Apocalipse de Pedro; o Pastor de Hermas; Apocalipse de Paulo; Apocalipse de Tomé; Apocalipse de Estêvão.
5. Manuais de Instrução: Didaquê ou o ensino dos Doze Apóstolos: 2 Clemente; Pregação de Pedro.

INDICAÇÃO DE VÍDEO

Este é um vídeo com uma exposição sóbria sobre a formação do Cânon e a identidade dos Livros Apócrifos.

Assista o vídeo: **Como foi formada a bíblia? porque 66 livros? o que são os livros apócrifos?** Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=88fjgAzJLfI&ab_channel=PregandoOEvangelho

Neste vídeo Lamartine Posella faz uma breve exposição sobre a origem dos livros da Bíblia e discorre sobre a natureza dos livros apócrifos.

Assista sob o título: **A Origem dos Livros da Bíblia.** Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Cy0-Cu68V-o&ab_channel=CortesdoIntelig%C3%A2ncia%5BOFICIAL%5D

LEITURA COMPLEMENTAR

Além de informações históricas e técnicas sobre a literatura apócrifa, Nicodemus apresenta alguns dados, demonstrando a diferença entre a literatura canônica e a apócrifa.

Estude o artigo em https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/1-Por-que-n%C3%A3o-aceitamos-os-evangelhos-ap%C3%B3crifos-Augustus-Nicodemus-Lopes.pdf.

LOPES, Augustus Nicodemus. *Por que não aceitamos os evangelhos apócrifos*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta terceira unidade, destacamos que o entendimento detalhado da antropologia bíblica é essencial para compreender corretamente os objetivos da escatologia. Segundo o plano salvífico de Deus, o ser humano foi criado perfeito, mas não imortal; deveria passar por uma prova para alcançar a imortalidade. Com a Queda, perdeu o acesso ao Jardim do Éden e à árvore da vida, tornando-se sujeito à morte. Ainda assim, Deus prometeu um Redentor (Gn 3.15), cuja morte e ressurreição devolveriam a possibilidade de vida eterna aos que aceitassem o plano de salvação. Na segunda vinda de Jesus, os mortos em Cristo ressuscitarão, e os vivos serão

transformados (1Co 15.51-55), recebendo então a vida eterna, pois somente Deus é inerentemente imortal (1Tm 6.16).

A antropologia bíblica contrasta com a visão grega, que considera o ser humano intrinsecamente imortal. Essa abordagem extrabíblica, se adotada, compromete toda a escatologia, desviando-se dos fundamentos das Escrituras. Por isso, termos escatológicos como *sheol*, *hades*, *nephesh* e *tártaros* devem ser interpretados à luz da teologia do Antigo Testamento, conforme recomendado por Cristo (Lc 16.29-31; Jo 5.46-47). Os escritores do Novo Testamento permaneceram fiéis à inspiração bíblica e às bases veterotestamentárias, protegendo seus escritos de influências externas. Dessa forma, a obra salvífica de Cristo é plenamente apreciada quando fundamentada na antropologia bíblica, que assegura a compreensão correta da condição mortal do ser humano e da promessa de imortalidade futura.

HORA DE REVISAR

37

No material estudado, observamos que a concepção imortalista defende que a alma é imortal por natureza. Os justos vão diretamente ao Céu após a morte, enquanto os ímpios sofrem tormento eterno. Ao passo que a concepção aniquilacionista propõe que o ser humano é mortal, mas candidato à imortalidade. Tanto justos quanto ímpios aguardam no silêncio da sepultura pela ressurreição, porém os ímpios serão destruídos definitivamente após o julgamento.

Em relação à antropologia bíblica, concernente à natureza humana e a morte, a Bíblia ensina que o ser humano foi formado por Deus com dois elementos, o “fôlego de vida” e os elementos da terra. Na morte ocorre o processo inverso, o corpo retorna ao pó e o fôlego volta a Deus (Eclesiastes 12:7). Os textos examinados, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, demonstraram que não há consciência na morte, e que a solução para o dilema é a ressurreição, garantida por Cristo (João 5:28-29; 1 Coríntios 15:52). Os termos gregos e hebraicos traduzidos como “eterno” (*aion*, *aionios*, *olam*) frequentemente se referem a períodos limitados, dependendo do contexto. Exemplos incluem a Páscoa e o sacerdócio de Arão, ambos encerrados na cruz.

Embora o Novo Testamento use fraseologia comum à literatura apócrifa e pseudoepígrafa, como é o caso do Livro de Enoque, ele se baseia no Antigo Testamento e nos ensinamentos de Cristo. A literatura extrabíblica, embora apresente porções que se adequam à verdade bíblica, carece de autoridade canônica. No entanto, quando exprimia alguma verdade, esses trechos em particular eram usados sem restrições pelos autores bíblicos.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO P. **História do Texto Bíblico**. 4ª ed. São Paulo: Departamento Gráfico do IAE, 1990.

APOLOGÉTICA. **Paulo citou filósofos pagãos?** pelo site: <https://defendendoafe.com.br/paulo-citou-filosofos-pagaos/> acesso em 11/12/2024.

BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2002). Sociedade Bíblica do Brasil.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 11. ed. 6 vol. São Paulo: Hagnos, 2013.

CHRISTIANINI, A. B. **Plagiários**. Centro de Pesquisa Ellen G. White, UNASP, pelo site: <https://centrowhite.org.br/perguntas/perguntas-sobre-ellen-g-white/plagiarios/> acesso em 11/12/2024.

FROOM, L. R. E. **The Conditionalist Faith of Our Fathers: The Conflict of the Ages Over the Nature and Destiny of Man**. 2 vol. Washington, D.C.: Review and Herald, 1966.

NICHOL, F. D. **Answer to Objections: An Examination of the Major Objections Raised Against the Teachings of Seventh-day Adventists**. Takoma Park, Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1932.

PEREYRA, R. **Escatologia do Novo Testamento: características e implicações**. In: Timm, A. R.; Rodor, A. A.; Dorneles, V. ed. **O Futuro**. São Paulo: Unaspress, 2004.

THE PAWNEE GROUP. **Greek and Hebrew Study Bible - GHSB3**. [S.l.]: [s.n.], 2011.

TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. Tradução de Equipe de Tradutores. 2. ed.
São Paulo: Loyola, 1997.

UNIDADE 4 – A DOCTRINA QUILIÁSTICA E OS CONCEITOS MILENISTAS: AMILENIALISMO, PÓS-MILENIALISMO, PRÉ-MILENIALISMO E SUAS SUBDIVISÕES.

Objetivos:

- Estudar as opiniões sobre a doutrina escatológica quiliástica.
- Analisar o amilenialismo, o pósmlenialismo e os seus principais defensores.
- Examinar o prémilenialismo, os seus principais defensores e as subdivisões do pré-milenialismo.

Noções Preliminares

- **Milênio/Quiliasmo** – Esse termo vem do latim “mile” e “annus”, mil anos. O termo “chiliasma” também é usado para aludir ao “milênio”, e essa outra palavra vem do grego, e tem o mesmo sentido que aqueles termos latinos (CHAMPLIN, v. 4, p. 277). O DBASD (NEUFELD, 2016, p. 900) explica que a palavra “milênio” não ocorre nas Escrituras, mas deriva do latim e significa simplesmente “mil anos” (gr. *chilia ete*), usada para se referir ao período de mil anos mencionados em Apocalipse 20, onde ocorre seis vezes dos versos 1 a 7.
- **Dualismo antropológico** – Pensamento platônico em que o *corpo* é visto como físico, mortal e limitado, enquanto a *alma* é entendida como imaterial, imortal e superior à matéria (ver Rubio (2014, p. 95-114).

40

Desvendando o Segredo do Milênio Apocalíptico

Os três conceitos e suas implicações:

- a) Pós-milênismo; b) Amilenismo; c) Pré-milenismo.

a) Pós-milenismo

Como o próprio termo sugere, o retorno de Cristo ocorrerá somente após o cumprimento desse período, marcado pelo progresso espiritual. Erickson (2010, p. 67) explica que “o pós-milenista não é literalista quanto à duração do Milênio: o Milênio é um longo período de tempo, não necessariamente mil anos do calendário”. O mundo

deve passar por um longo período de paz e prosperidade através de reformas na educação, progresso nacional e aperfeiçoamento pessoal, e que a história está rumando para um futuro brilhante, no qual o Reino de Deus triunfará gradualmente na Terra através da obra do Espírito Santo e do compromisso dos cristãos. Esse foi o conceito popular entre os protestantes do século 19, mas, praticamente abandonado depois da 1ª Grande Guerra Mundial.

Erickson (2010, p. 67) continua a sua explicação sobre o conceito, dizendo que “a contínua pregação do evangelho irá gradualmente estabelecer o reino.” Alguns cristãos na Alemanha até viam a política de guerra do Imperador Wilhelm como um dos meios da graça de Deus e, na década de 30, alguns apoiavam o nazismo como sendo obra de Deus (BARTH, 1966, p. 21, 45). Portanto, o milênio é um período simbólico, não literal, mas que representa o triunfo gradual da Igreja Cristã sobre o mundo.

Esse posicionamento enfrenta um sério problema escriturístico, pois há vários textos afirmando que “os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (2T 3.13). No mesmo capítulo, Paulo notifica a Timóteo o estado do mundo antes da vinda do Senhor: “Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder” (2Tm 3.1-4). E, mesmo alguns religiosos estarão listados entre os que irão de mal a pior (Mt 7.13-14; 21-23; 25.41-46 Mc 7.6).

Erickson (2010, p. 72) lista as grandes corporações religiosas que inseriram o pós-milenismo em seus credos: as Confissões de Augsburg e de Westminster; e nos séculos XIX e XX, a famosa faculdade de teologia de Princeton, representada por Hodge e por Benjamin B. Warfield.

a) Amilenismo

41

Conceito defendido e popularizado por Agostinho (354-430 d.C.). É a posição oficial da Igreja Católica Romana, da Igreja Ortodoxa Oriental e de grupos protestantes reformados. Seus proponentes defendem as seguintes ideias:

1. O milênio não é literal, mas representa o período entre a 1ª e a 2ª vinda de Cristo;
2. A prisão de Satanás ocorreu na cruz ao ser derrotado por Cristo;
3. Sua atividade foi reduzida, por isso, ele não é capaz de impedir a pregação do evangelho;
4. O milênio é um período simbólico do reinado da igreja na Terra;
5. A primeira ressurreição é vista de duas maneiras: a) um símbolo dos que são transformados pelo novo nascimento em Cristo (agora reinam com Cristo durante a era cristã); b) a primeira ressurreição se refere à ressurreição da “alma” dos fiéis mortos que agora reinam com Cristo no Céu.

42

Essa abordagem apresenta alguns sérios problemas. Conforme Erickson (2010, p. 72) explica, “Agostinho foi afetado pelo ‘estabelecimento’ da Igreja Católica.” Depois da ‘conversão’ do Imperador Constantino em 312, o Cristianismo foi paulatinamente subindo no cenário político e se transformou em religião estatal. Como a religião oficial do império, o cristianismo deixou de ser perseguido, dando margem para identificar a hegemonia da Igreja Católica no mundo como o cumprimento do governo milenar. Conforme Ericson (2010, p. 72) arrazoa, Agostinho “foi o primeiro teólogo a identificar a Igreja Católica, na sua forma visível e empírica, com o reino de Deus”. Esse foi um dos potenciais motivos pelas quais a Igreja Católica perseguiu duramente àqueles que desejassem servir a Deus conforme os ditames da sua consciência e não aceitavam os credos impostos por ela, entre os quais estava a venda de indulgência, a veneração de relíquias e dos ‘santos’ e a salvação pelas obras, para citar apenas alguns.

Outro problema da interpretação amilenista é a crença de que a primeira ressurreição se refere à ressurreição da ‘alma’ dos fiéis mortos que agora reinam com Cristo no Céu (ERICKSON, 2010, p. 94-104). Tomam como literal o texto de Apocalipse 6.9-10. Esse texto é simbólico, como é a característica do livro. O clamor das vozes das almas debaixo do altar: “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e

verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?” (Ap 6.10), tem o mesmo sentido figurado da vítima de Caim, ou seja, seu irmão Abel que clama por justiça, da seguinte forma. Deus interpela Caim, dizendo: “a voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim” (Gn 4.10). Como é obvio, sangue não tem voz!

Essa forma de interpretar o texto bíblico se origina em uma errônea antropologia que desconsidera os pressupostos escriturísticos para incorporar conceitos pagãos, como é o caso da filosofia platônica do dualismo antropológico. O teólogo batista George E. Ladd (2002, p. 217) afirma que o dualismo estava profundamente enraizado no pensamento grego, tanto filosófico quanto religioso, fato facilmente observável quando se examina a literatura, entre as quais se destacam à do filósofo Platão, do literato Plutarco e do judeu Filo. O teólogo católico Garcia Rubio (2014, p. 319) afirma que “globalmente considerada, a Sagrada Escritura pressupõe uma visão unitária do ser humano”.

Com relação à interpretação amilenista da ressurreição, um sério erro exegético é considerar a primeira ressurreição como espiritual e não literal, porque 1 Tessalonicenses 4.16-17 e 1 Coríntios 15.51-55 não dão margem para essa interpretação. Ambos os textos se referem à ressurreição literal, e 1 Coríntios menciona a transformação do corpo corruptível em incorruptível. Erickson (2010, p. 89-90) informa que é difícil distinguir o amilenismo do pós-milenismo. “Homens como Agostinho (354-430), João Calvino (1509-1564) e Benjamin B. Warfield (1851-1921) têm sido reivindicados pelos dois grupos”. Outros teólogos defensores dessa posição são: Louis Berkhof (1873–1957); Augustus Nicodemus Lope; Hernandes Dias Lopes, e vários outros.

43

c) Pré-milenismo

A segunda vinda ocorre antes do milênio. O pré-milenismo pode ser dividido em diferentes abordagens:

1. O histórico; 2. O dispensacionalista; 3. Porém, vamos sugerir uma proposta bíblica. Vamos apresentar as duas primeiras numa só seção:

O histórico e o dispensacionalista

Vamos começar comparando o pré-milenismo histórico com o pré-milenismo dispensacionalista. Apesar de serem históricos, são dois sistemas escatológicos distintos. Em relação às profecias do Antigo Testamento, o pré-milenismo histórico ensina que a Igreja foi prevista pelos seus profetas. Mas, o dispensacionalismo considera que a Igreja não foi prevista por eles.

O dispensacionalismo considera o período da Igreja como a era da graça, não prevista pelos profetas, mas entendida como um intervalo ou parêntese decorrente da rejeição de Jesus pelos judeus. E, em relação ao milênio e às divisões do tempo, o pré-milenismo histórico ensina que haverá um milênio após o retorno de Cristo, porém sem se preocupar em detalhar outras eras da história humana. Por outro lado, o dispensacionalismo apresenta uma visão estruturada segundo os seus pressupostos, dividindo a história em sete períodos distintos, chamados de dispensações, sendo o milênio a última dessas.

44

Quanto à tribulação e ao arrebatamento, o pré-milenismo histórico adota a concepção pós-tribulacionista, isto é, de que Cristo voltará depois da tribulação, enquanto o dispensacionalismo tende a ser pré-tribulacionista, ou seja, Cristo irá retirar a Igreja da terra para não passar pela tribulação. Esse é um dos principais problemas do dispensacionalismo, porque a Igreja de Cristo sempre sofreu tribulações, passou por elas e venceu. Cristo algumas vezes livrou o Seu povo da tribulação: Ananias, Misael e Azarias, da fornalha ardente; Daniel das garras dos leões etc. Algumas vezes permitiu que Seu povo sofresse o dano das perseguições, como aconteceu durante o domínio papal na Idade Média, e como acontece ainda hoje em alguns países onde o Cristianismo é proscrito. Portanto, essa visão não encontra respaldo bíblico. A Igreja passará pela tribulação, mas será livrada dela (Salmo 91.7; Daniel 12.1-2). Nos primeiros três séculos da era cristã, o pré-milenismo histórico foi o pensamento predominante, defendido por importantes pais apostólicos, como Ireneu, Papias e Justino Mártir.

Os pré-milenistas dispensacionalista acreditam que o anticristo se manifestará antes dos sete anos de tribulação, que será seguido pelo arrebatamento secreto dos fiéis e pelo reinado milenar de Cristo na terra. Após esse período, os salvos habitarão

eternamente na Nova Jerusalém. Outro problema do dispensacionalismo foi a retirada arbitrária da última semana de anos da profecia das 70 semanas de Daniel 9, uma ação que não encontra apoio bíblico. Todos os reformadores do século XVI apontavam ao sistema papal como o anticristo.

Como já vimos, no século IV, o Cristianismo ganhou status de religião do Império Romano, e o amilenismo passou a ocupar o lugar do pré-milenismo histórico. No entanto, no século XX, o pré-milenismo histórico foi revitalizado no ambiente acadêmico por George Eldon Ladd, cuja influência atraiu o apoio de renomados teólogos como Walter Martin e Henry Alford, contribuindo para o renascimento e fortalecimento do pré-milenismo (ver: GotQuestions.org).

Uma proposta bíblica

Uma visão centrada nas Escrituras considera a sequência lógica de Apocalipse 20:

45

1. Os capítulos 15 e 16 abordam sobre o encerramento da obra de Cristo como Sumo Sacerdote;
2. Os capítulos 17 e 18 narram a destruição de Babilônia;
3. O capítulo 19 aborda sobre a destruição da besta e do falso profeta;
4. O capítulo 20 encerra o ciclo de condenações com o juízo final e o aniquilamento de Satanás e dos ímpios.

Esse período de 1.000 anos é mencionado 6 vezes no Apocalipse, por isso, vamos começar a nossa análise pelo próprio livro para encontrar o evento que marca o início do milênio.

O Ponto de Partida do Milênio

Viveram [do grego [ἐζησαν] *ezēsan* - receberam vida ou passaram a viver] e reinaram com Cristo durante mil anos (Ap 20.4). ... *Viveram* [receberam vida ou passaram a viver] (Ap 20.4) (*GHSB3*. [S.I.]: [s.n.], 2011). Isso quer dizer que uma ressurreição dá início ao período de 1.000 anos; a outra, indica o seu término (Ap 20.5-7). Os pré-milenistas argumentam, conforme Erickson (2010, p. 97) que “não há [...] qualquer base justificável para tornar essas duas ressurreições diferentes quanto

ao tipo. Se uma delas é física, a outra também deve ser. Nada no contexto indica o contrário.”

A primeira ressurreição é o ponto de partida, e, conforme Apocalipse 20.5-6, “Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição...” Ela será também Corpórea, pois os salvos terão corpos como Jesus (1 João 3.2; Filipenses 3.20, 21): “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é [...] “Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas.”

Foi de forma corpórea que Jesus Se manifestou após a ressurreição, conforme o texto de Lucas 24.37-43: Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito. Mas ele lhes disse: Por que estais perturbados? E por que sobem dúvidas ao vosso coração? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, por não acreditarem eles ainda, por causa da alegria, e estando admirados, Jesus lhes disse: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então, lhe apresentaram um pedaço de peixe assado [e um favo de mel]. E ele comeu na presença deles.

Evidentemente, o mesmo deve ocorrer na segunda vinda quando acontecer a ressurreição dos justos (1Ts 4.16). Esse evento marca o ponto de partida do milênio. Perceba que “o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo” (ACF). É por ocasião da segunda vinda que Satanás será preso (Ap 20.1-3). Portanto, a segunda ressurreição é o ponto final do milênio: “Os restantes dos mortos [os ímpios] não reviveram até que se completassem os mil anos” (Ap 20:5). As duas ressurreições são separadas pelo período milenar, e foram preditas pelo Senhor Jesus em João 5.28-29: “Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”.

No entanto, deve-se levar em consideração os eventos ligados ao início do milênio e compará-los com os eventos do fim do milênio:

1. Pragas Aniquiladoras

“E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra ... também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento” (Ap 16.18, 21).

2. O Retorno de Cristo

“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá” (Ap 1.7); “Porquanto o Senhor mesmo... descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares” (1Tes 4.16-17).

3. A Devastação da Terra

Isaías 24.1, 3, 19-20: “Eis que o Senhor vai devastar e desolar a terra, vai transtornar a sua superfície e lhe dispersar os moradores [...] A terra será de todo devastada e totalmente saqueada, porque o Senhor é quem proferiu esta palavra [...] A terra será de todo quebrantada, ela totalmente se romperá, a terra violentamente se moverá. A terra cambaleará como um bêbado e balanceará como rede de dormir; a sua transgressão pesa sobre ela, ela cairá e jamais se levantará.” Esse texto do Antigo Testamento, embora tenha uma aplicação local, o seu cumprimento ulterior será na segunda vinda, quando a terra ficara totalmente transtornada. Basta tomarmos como exemplo a predição da destruição de Jerusalém em Mateus 24, quando o Senhor explica a devastação de Jerusalém como um protótipo do fim do mundo. Ele começa explicando o fim da cidade santa e alonga a sua explicação se referindo ao fim do mundo.

A Sagrada Escritura fornece a chave para a compreensão de determinados segmentos difíceis de entender. Uma dessas chaves é fornecida pela linguística. Em relação a esse terceiro ponto, a devastação da terra é retratada conforme o texto de Jeremias 4:23-26. Os termos usados não deixam dúvidas de que se trata do período em que o planeta ficará completamente desolado: “Olhei para a terra, e ei-la sem forma e vazia; para os céus, e não tinham luz. Olhei para os montes, e eis que

tremiam, e todos os outeiros estremeciam. Olhei, e eis que não havia homem nenhum, e todas as aves dos céus haviam fugido. Olhei ainda, e eis que a terra fértil era um deserto, e todas as suas cidades estavam derribadas diante do Senhor, diante do furor da sua ira.” A expressão hebraica para “sem forma e vazia” תְּהוֹם וּבִהְיוּ (tohuw vbohuw) descreve o estado de “abismo” תְּהוֹם (tehom) (GHSB3. [S.I.]: [s.n.], 2011) de Gênesis 1.2, ou seja, depois do retorno de Cristo, a terra ficará no mesmo estado em que se encontrava no princípio, antes de Deus colocar nela os elementos necessários para torná-la habitável. Portanto, Satanás ficará aqui neste planeta depois da volta do Senhor, contemplando a devastação que ele mesmo provocou (Ap 20.1-3).

Da mesma forma, o texto de Isaías 2.21 é também uma retratação da reação dos ímpios à presença do Senhor em Sua vinda: “[...] e meter-se-ão pelas fendas das rochas e pelas cavernas das penhas, ante o terror do Senhor e a glória da sua majestade, quando ele se levantar para espantar a terra” (comparar com Lc 23.30 e Ap 6.15-16). A linguagem de Apocalipse 6.15 é análoga à de Isaías, inclusive, citando as cavernas. Observemos ainda outros textos no Novo Testamento análogos ao Antigo Testamento: “[...] ferirá a terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso” (Is 11.4). Comparar com o texto de Paulo, “então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda” (2Tes 2.8). Observemos ainda: “... quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus (2Tes 1.7-8; ver também Sal 68.2).

48

Dessa maneira, os ímpios mortos na segunda vinda do Senhor, permanecerão mortos até o final do milênio, conforme Apocalipse 20.5: “Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos”. Por essa razão, não haverá uma segunda oportunidade durante o milênio, nem a terra terá condições de ser habitada, pois os ímpios serão como esterco sobre a terra e não haverá quem os sepulte, conforme (Jer 25.33). Apocalipse 22.11-12 não deixa dúvidas de que o caso de todas as pessoas estará encerrado antes do retorno de Jesus.

Voltando a Apocalipse 20.1-3, como vimos, Satanás estará preso durante o milênio. Essa prisão simbólica representa as restrições impostas sobre ele, pois não terá condições de exercer as suas atividades satânicas. Como já observamos, “sem

forma e vazia” תְּהוֹם וְבוֹהוּ (tohuw vbohuw) descreve o estado de “abismo” תְּהוֹם (*tehom*) de Gênesis 1.2. A Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento, traduz o termo *tehom* como abismo [ἄβυσσος] abysson (abismo) (SEPTUAGINTA, 2011). Por isso, Isaías 24.21-22 se refere a Satanás e seus anjos durante os 1.000 anos como ajuntados na masmorra e encerrados num cárcere.

4. A Condição dos Salvos e o Fim do Milênio

Simultaneamente, os salvos estarão no Céu, engajados no processo judicativo celestial durante o milênio, para que possam entender que Deus fez plena justiça aos anjos e seres humanos em todas as instâncias da vida, conforme as seguintes passagens: “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar” (Ap 20.4). “Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? ... Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?” (1Co 6.2-3). Assim, durante o milênio, todas as pessoas que já viveram na Terra estarão em um dos dois lugares: na terra, morta e perdida; ou no céu, participando do julgamento.

Ao se completarem os mil anos “Satanás será solto da sua prisão e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja.” O termo “Magogue” é uma expressão hebraica criptográfica que significa “Babilônia” (ver NASCIMENTO, 2016, p. 67-73). Satanás mais uma vez investirá no artifício de enganar as nações e reuni-las para a última batalha. Todos os ímpios que já existiram estarão ali para se aliarem a ele. Eles irão se arregimentar para atacar o acampamento dos santos e a cidade querida (Apocalipse 20.7-9). Porém, os seus planos serão interrompidos: “[...] desceu, porém, fogo do céu e os consumiu [...] O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo [...] quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte” (Apocalipse 20.9, 10; 21.8).

Dessa maneira, o mal encontrará o seu fim, e Deus recriará o planeta, antes maculado pelo pecado. No final do milênio, Satanás, seus anjos e todos os ímpios serão aniquilados: “Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas” (Is 65.17). Toda a injustiça cometida durante a atuação do mal será extinta no final do milênio: “Nós,

porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (2Pe 3.13).

INDICAÇÃO DE VÍDEO

Neste vídeo, o pastor Doug Batchelor apresenta, entre outros subtemas importantes, o arrebatamento e o tribulacionismo.

Assista o vídeo: **O Verdadeiro Arrebatamento do Apocalipse**. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=cjuo62Lp7Lc&list=PLiF62_xAyqP0sfZS1ohEfVb-FApF2VttO

Este vídeo exhibe resumidamente as três concepções sobre o milênio. Ele foi catalogado aqui apenas para informá-lo dos três conceitos.

Assista sob o título: **As três principais interpretações do Milênio em Apocalipse**: https://www.youtube.com/watch?v=iSyrWzm_SDc

LEITURA COMPLEMENTAR

51

Deixando de lado às tendências atuais e as opiniões contemporâneas sobre o tema, o autor expõe uma visão bíblica sobre o milênio, depois de fazer uma breve análise de cada concepção.

Estude o artigo em <https://noticias.adventistas.org/pt/coluna/wilson.borba/o-que-a-biblia-ensina-sobre-o-milenio/>.

BORBA, Wilson. *O que a Bíblia ensina sobre o milênio?*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina do milênio é uma das mais polêmicas do cristianismo. Se as denominações evangélicas encontram pontos comuns em muitos aspectos, em relação ao milênio não há unanimidade. Por isso, a questão foi analisada, levando-se em consideração as suas três correntes de pensamento: o pós-milenismo, o amilenismo e o pré-milenismo, que ainda se desdobra em algumas vertentes.

Observamos que o entendimento adequado da antropologia bíblica é de fundamental importância para se chegar ao resultado pretendido pela doutrina do

milênio. Por essa razão, é inadequado analisar o texto bíblico, produzido segundo a cosmovisão hebraica, tendo como pano de fundo a cosmovisão grega, com seu dualismo antropológico. Infelizmente, alguns pressupostos aplicados à doutrina quiliástica, partem da concepção grega sobre a natureza do ser humano.

Porém, se aplicado adequadamente à abordagem do milênio, os conceitos da antropologia bíblica nos indicam de que maneira posicionar o milênio. Ele é o espaço de tempo especial que se localiza entre as duas ressurreições, a primeira na segunda vida de Cristo, e a segunda, depois de transcorridos mil anos, durante os quais os santos estarão com Cristo no Céu envolvidos no juízo judicativo. No final do período, Satanás, os seus anjos e todos os ímpios, receberão a merecida punição seus pecados. O universo será, então, purificado, o mal será extinto, e os santos desfrutarão a vida eterna.

HORA DE REVISAR

Nesta UNIDADE estudamos os principais conceitos da doutrina do milênio, pós-milenismo, amilenismo e pré-milenismo, analisamos suas implicações teológicas e históricas. O termo “milênio” se refere ao período de mil anos, para alguns simbólico, literal para outros, descrito em Apocalipse 20. Para o pós-milenismo o milênio é um período simbólico, caracterizado pelo progresso espiritual e o triunfo gradual do Reino de Deus antes da segunda vinda de Cristo. Essa concepção perdeu força após a Primeira Guerra Mundial devido à decadência humana e, não ao seu progresso até um futuro de paz. Problemas exegéticos surgem da incompatibilidade entre essa visão otimista e as passagens bíblicas que preveem tempos difíceis e a crescente impiedade dos últimos dias.

Uma corrente do amilenismo ensina que o milênio é o período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, um tempo simbólico em que Satanás é derrotado, e a Igreja reina espiritualmente sobre a Terra. Popularizado por Agostinho e adotado pela Igreja Católica e algumas tradições reformadas, essa visão enfrenta críticas por sua interpretação alegórica de textos que, segundo outros teólogos, indicam eventos literais. Outra questão controversa é a sua dependência do dualismo antropológico grego, que influenciou o conceito de ressurreição, devido à proposição da separação

entre corpo e alma. Textos como 1 Coríntios 15 demonstram que a ressurreição será literal e corpórea, contrariando à interpretação amilenista.

O pré-milenismo ensina que a segunda vinda precede o milênio literal, porém, está dividido em histórico e dispensacionalista. Enquanto o pré-milenismo histórico foi predominante nos primeiros séculos do Cristianismo, com o apoio de pais da igreja como Ireneu e Justino Mártir, o dispensacionalismo é uma concepção moderna que propõe uma sequência arbitrária de eras históricas. Uma divergência central entre as duas correntes é o entendimento sobre a tribulação: o histórico defende que a Igreja passará pela tribulação, enquanto o dispensacionalismo sustenta um arrebatamento pré-tribulacional, posição que enfrenta críticas por não refletir a experiência histórica de sofrimento enfrentado pela Igreja desde a sua fundação.

Finalmente, o pré-milenismo bíblico se fundamenta na sequência apresentada em Apocalipse 20, no qual o início do milênio é marcado pela ressurreição dos justos e o final do milênio pela ressurreição dos ímpios. A devastação da Terra, descrita em textos como Isaías 24 e Jeremias 4, está associada à segunda vinda de Cristo, o milênio e ao juízo final. Este período milenar intermediário é caracterizado pelo reinado corpóreo de Cristo e seus santos no Céu, baseado numa interpretação que busca o equilíbrio entre simbolismo e literalidade, alinhados com a expectativa apocalíptica de transformação do planeta e a restauração da felicidade eterna.

53

REFERÊNCIAS

BARTH, K. **How I Change My Mind**. Richmond: John Knox, 1966.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. **Almeida Corrigida Fiel**. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2011.

BÍBLIA SAGRADA: **Almeida Revista e Atualizada** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2002). Sociedade Bíblica do Brasil.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 11. ed. 6 vol. São Paulo: Hagnos, 2013.

ERICKSON, M. J. **Escatologia: a polêmica em torno do milênio**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

GOT QUESTIONS. **O que é o pré-milenismo histórico?** GotQuestions.org. Your Questions. Biblical Answers. Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/Pre-milenismo-historico.html>. Acesso em: 16 dez. 2024.

LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2002.

NASCIMENTO, J. A. **Súmmixis: a compreensão de um ponto pela somatória de outros**. Rio de Janeiro: ADOS, 2016.

NEUFELD, D. F. Dicionário bíblico adventista do sétimo dia. **SDABC**, 8 v. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. São Paulo: Paulus, 2014.

SEPTUAGINTA. **Editio altera**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

THE PAWNEE GROUP. **Greek and Hebrew Study Bible - GHSB3**. [S.l.]: [s.n.], 2011.



**Av. Barão de Gurguéia, 3333B - Vermelha
Teresina - Piauí**

f i /maltafaculdade

 www.faculdademalta.edu.br